

PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO EM PRÁTICAS DISCURSIVAS A PARTIR DAS HQS

SILVA, Marlene Mendes¹
ROCHA, Marlúcia Mendes da²

RESUMO

A investigação nasceu da compreensão de que se toma o discurso como itinerário para alcançar geração de sentido de um texto, i.é, perceber o lugar em que o sujeito da enunciação consegue expressão para resgatar as relações entre o texto e o contexto sócio-histórico que o produziu. Percebendo-se as várias formações ideológicas atravessadas nas formações discursivas que geram efeitos de sentidos. O trabalho tem o objetivo de explorar recursos estilísticos e morfossintáticos da HQ, especificamente, os gibis de *Chico Bento*, de Maurício de Sousa, para mostrar as intenções discursivas e ideológicas por trás das representações verbais e não-verbais dos textos, bem como entender e compreender as estratégias semânticas utilizadas no domínio e uso da língua materna para decodificar os sentidos das mensagens. Para tal, o aporte teórico apoia-se nos estudos da Análise de Discurso, na linha francesa de Michel Pêcheux e a História das Ideias Linguística, de Auroux; Orlandi.

Palavras-chave: Formação discursiva. Ideologia. Análise do discurso. HQs. Língua materna.

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu da necessidade de criar uma prática de observação e investigação dos processos de produção de linguagem que nascem a partir da compreensão de se tomar o discurso enquanto itinerário para o alcance da geração de sentidos de um texto. Tem-se a intenção de entender de que maneira as formações ideológicas atravessam as formações que geram efeitos de sentidos utilizados nos recursos estilísticos e morfossintáticos das Histórias em Quadrinhos dos gibis do personagem *Chico Bento*, de Maurício de Souza. O objetivo de tal proposta é o de gerar mecanismos para se trabalhar leitura, compreensão, interpretação, extrapolação e produção de textos, ressaltando suas estratégias semânticas e sintáticas.

¹ Especialista em Língua Portuguesa – Universidade Federal Fluminense -UFF; Graduada em Letras – Universidade São Marcos/SP

² - Dr^a em Comunicação e Semiótica/ PUC/SP; Prof^a da Faculdade Ilhéus; Prof^a do curso de Comunicação Social (Rádio e TV) e do Programa de Pós-graduação de Letras/PPGL–Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz UESC/BA; <https://orcid.org/0000-0001-9509-2478>.

Recorremos à Análise de Discurso, apoiada teoricamente na linha francesa de Michel Pêcheux e a História das Ideias Linguística, de Auroux; Orlandi, para dar suporte a análise dos sentidos, o que vai possibilitar perceber alguns aspectos históricos, sociais, ideológicos e linguísticos.

ARTICULAÇÃO ENTRE ANÁLISE DE DISCURSO E HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS

Orlandi (2010, p.16) explica que “levando em conta o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações que o produz o dizer”. Porque, só assim, pode-se reconhecer o lugar em que o sujeito da enunciação consegue expressão no resgate das relações entre o texto e o contexto sócio-histórico que o produziu. Acrescenta-se, ainda, tomando a argumentação da autora como referência, que as várias formações ideológicas, atravessadas nas formações discursivas que geram efeitos de sentidos, têm no discurso o lugar de observação da relação existente entre a língua e a ideologia vigente, entendendo a língua como a principal produtora de sentido entre os sujeitos (ORLANDI, 2010).

A investigação tem o objetivo de explorar alguns recursos estilísticos e morfossintáticos das Histórias em Quadrinhos – HQs - especificamente, os gibis de *Chico Bento*, criação do desenhista Maurício de Sousa, para não só mostrar as intenções discursivas e ideológicas por trás das representações verbais e não-verbais dos textos, como também entender e compreender as estratégias semânticas utilizadas no domínio e uso da língua materna para codificar e decodificar mensagens.

Pretende-se desenvolver uma metodologia capaz de auxiliar a leitura, a compreensão, a criticidade e extrapolação dos sentidos das peças e que possa, também, ajudar na produção textual no sentido de desenvolver habilidades na expressão de ideias próprias e domínio no aprendizado da língua materna. Deseja-se mostrar a articulação de AD com HIL que, de acordo com a visão de Nunes (2008), é o contato entre esses dois domínios do saber e das questões que um coloca ao outro que se dá a repercussão tanto em uma quanto em outra direção. Para uma melhor compreensão dessa articulação:

(...)Visto que a AD se constitui como um modo de leitura, sustentado por um dispositivo teórico e analítico, que considera a historicidade dos sujeitos e dos sentidos, ela traz uma contribuição considerável para o estudo da história das ideias linguísticas. Tomando as diversas formas

de discurso sobre a(s) língua(s) para análise, efetuam-se leituras que remetem esses discursos a suas condições de produção, considerando-se a materialidade linguística na qual eles são produzidos e evitando-se tomá-los como documentos transparentes ou simplesmente como antecessores ou precursores da ciência moderna. Tais discursos atestam, de fato, modos específicos de se produzir conhecimento em determinadas conjunturas históricas. (NUNES, 2008, p.110)

Assim, parafraseando Nunes (2008), temas versados em Histórias das Ideias Linguísticas recebem um olhar específico quando vistos sob a ótica da Análise de Discurso, visto que os temas ganham observação e descrição do funcionamento discursivo da autoria em determinadas circunstâncias.

PROCESSO DE PRODUÇÃO DE PLANO DE AULA

Para montar planos de aulas em que se explore gênero textual, variação linguística e pontuação, usou-se como material de análise os gibis de *Chico Bento*, focando em um uma história do gibi nº 449, de 2005, que trouxe uma versão inédita da história republicada de 1990, a qual conta a história da Mariana, irmãzinha de Chico Bento que morreu ainda bebê.

A primeira versão do Gibi *Chico Bento*, de nº 87, traz a história de "*Uma estrelinha chamada Mariana*". Mariana era uma estrela que tinha o desejo de virar humana e morar na Terra com uma família bem carinhosa. Depois de longa observação e procura, ela chegou à família de Chico Bento. Assim, fez um acordo com as outras estrelas: viria à Terra, entraria na família como irmã de Chico Bento e ficaria um determinado tempo para realizar seu desejo, mas as estrelas a chamam de volta logo assim que Mariana sentiu-se realizada, ainda bebê. Mariana, ao partir cedo, deixou além de muita dor, um vazio imenso para a família que não se conformava com sua morte.

Essa versão fez tanto sucesso que foi republicada em 2003. Em 2005, Mariana volta com o título "*O presente de uma estrelinha*", no gibi *Chico Bento*, nº 449, contando a visita que Mariana fez ao Chico no aniversário dele. A história começa com Chico, sentado em sua varanda, pensando na sua irmãzinha, de como seria bom tê-la com ele no dia do seu aniversário. Chico corre para a cozinha para falar com sua mãe que estava fazendo o bolo e não lhe dá atenção, porque estava com pensamento longe dali.

Chico Bento conclui que sua mãe estava com saudades de Mariana, por isso estava daquele jeito, pensa que seria muito bom se Mariana estivesse com ele para comemorar

seu aniversário. Mas acaba se conformando, dizendo que se sua irmãzinha foi levada pelo papai do céu, é que, com certeza, deve ter sido por um bom motivo. E, ainda, sente-se feliz por saber que, quando ele olha para o céu, sabe que ela está lá em cima olhando por eles. A partir daí ele, começa a admirar o céu. Em sua contemplação, Chico percebe uma estrela com um brilho intenso e diferente que está crescendo muito e que vem se aproximando dele, quando ele olha, percebe que a estrela vai se transformando em sua querida irmãzinha, é Mariana que vem para falar com ele.

Chico fica muito feliz e quer chamar seus pais para reverem Mariana, mas ela o impede, diz-lhe que a visita era apenas para ele. Mariana conta a Chico que era uma estrela que queria saber como era conviver com uma família amorosa, conversando com suas irmãs estrelas elas concordaram com sua vinda, porém, determinaram um tempo para ela ficar aqui na terra e, assim que o tempo acabou, chamaram-na de volta, por esse motivo que Mariana não pode ver, nem ficar com a família.

Inconformado, Chico insiste para que ela veja os pais, mas ela acha melhor não, argumentando que os adultos não podem falar com as estrelas, eles só podem senti-las com o coração. Nessa hora, as estrelas do céu se agrupam e Mariana diz que já está na hora de subir novamente. Chico fica triste por sua irmãzinha ter que ir de novo, mas antes de ir, Mariana fala que tem um presente para ele. Ela pede que ele feche os olhos e brilha intensamente, dando ao Chico uma sensação de paz e tranquilidade e, então, some sem que ele veja.

Chico adormece na varanda e seu pai o carrega para cama. No outro dia, Chico acorda e fica em dúvida se tudo fora um sonho ou não. Para ele, aquele aniversário era o melhor de sua vida, pois ver Mariana, mesmo que em sonho, era o melhor presente que podia ter recebido, já que alimentava a esperança de encontrá-la outras vezes, mesmo que não soubesse de que forma iria revê-la.

Por esse motivo, adquiriu o hábito de sempre olhar para o céu. Passa-se o tempo e, Chico, já adulto casado com Rosinha, percebeu que Mariana fazia parte da vida dele, desde aquele aniversário, e que voltou reencarnada como a filha dele com a Rosinha, terminando, assim, a história.

TRABALHANDO GÊNERO TEXTUAL DO GIBI

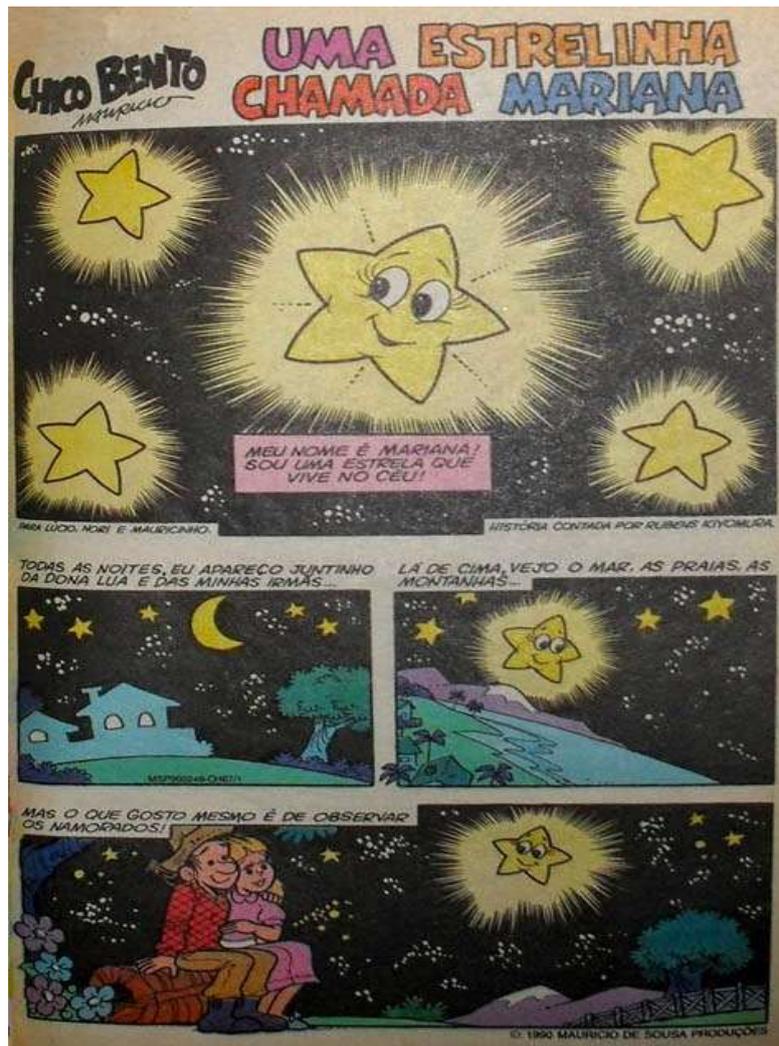
Posta a condição de produção do gibi, passamos para o estudo do gênero textual, que são os textos orais e escritos definidos por sua composição, seu estilo e por suas intenções comunicativas, uma vez que nascem da união de forças históricas, sociais e culturais. Segundo Bakhtin,

para falar, nos utilizamos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma *forma padrão* e relativamente estável de *estruturação de um todo*. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos). Na prática, usamos-os com segurança e destreza, mas podemos ignorar totalmente sua existência teórica (1992, p. 301).

Por isso que os gêneros são caracterizados conforme a atividade sociodiscursiva a que servem. Quando conhecemos um gênero, conhecemos uma forma de realizar, linguisticamente, objetivos específicos em situações particulares. Ainda convém lembrar que o conhecimento e o domínio dos diferentes gêneros textuais são uma ferramenta imprescindível de socialização para a inclusão funcional dos indivíduos nas atividades sociais em que se inserem. “Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam” (BRASIL, 1998, p. 21).

Bakhtin(1992) vai classificar os gêneros discursivos como primários e secundários. Os gêneros considerados mais simples são os denominados de primários e relacionam-se com a oralidade, sobretudo com o diálogo, a forma estrutural de qualquer processo comunicativo. Os gêneros considerados mais complexos são denominados de secundários e são aqueles que necessitam de maior elaboração signica, tais como: o romance, o conto, a crônica, o artigo de opinião, os manuais de instrução, os textos científicos, oficiais, publicitários, e todo e qualquer textos que vá trabalhar a língua-padrão na sua oficialidade.

É importante ressaltar que as Histórias em Quadrinhos têm sua especificidade de construção de linguagem, trazem um gênero que, para contar as suas histórias, recorre ao uso das falas dos personagens (signo verbal) e imagens: balões, imagens etc. (signo não verbal), estratégias que facilitam a compreensão do leitor. Exemplo:



Trecho da HQ de 'Chico Bento Nº 87' (Ed. Globo, 1990)

(<http://arquivosturmadamonica.blogspot.com/2014/04/esquecidos-7-mariana-irma-do-chico-bento.html>). Acessado em 05/09/2018

As histórias em quadrinhos têm como características apresentarem elementos básicos de uma narrativa com enredo, personagem, tempo, lugar, clímax e desfecho. Os balões trazem tipos e formas variados que servem de suporte para os diálogos, cujo objetivo é representar a fala ou o mostrar o pensamento ou a ação dos personagens. Além de empregar recursos expressivos como figuras de linguagem, onomatopeias, tipografias de letras diferentes e sinais de pontuação. A exemplo,



(<https://www.google.com.br/search?q=tirinha+do+chico+bento+em+que+ele+fala+da+chuva+com+rosinha>).

Acessado em 10/09/2018.

TRABALHANDO DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

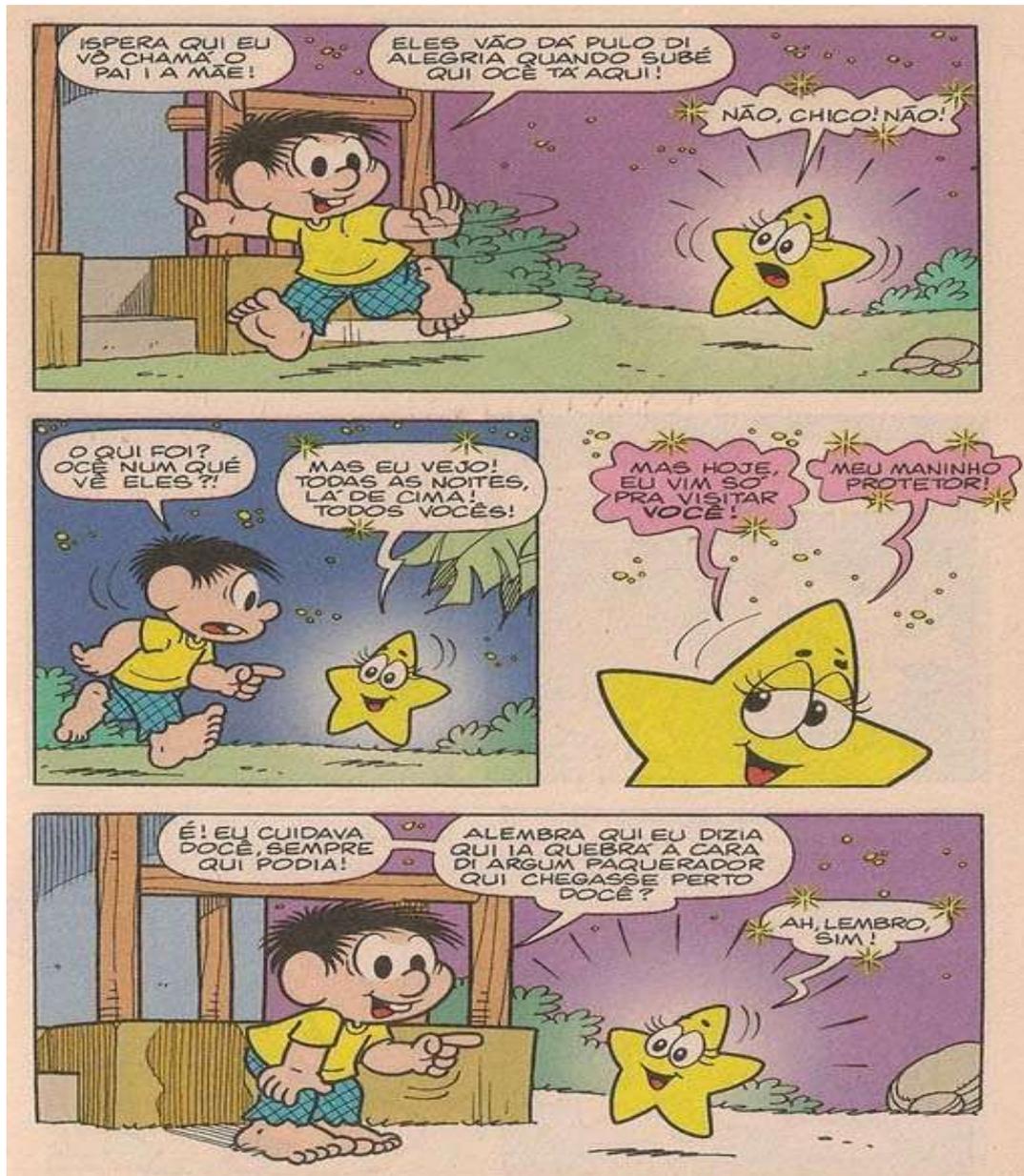
Nessa tirinha, podemos observar o modo como o desenhista se utiliza da paleta de cores, tipografia das letras, formas dos balões e a pontuação para realizar a expressividade do personagem para correr da chuva. Outro tópico importante que o gibi do Chico Bento nos possibilita trabalhar é a variação linguística no ensino de língua portuguesa nas escolas de Ensino fundamental e médio no Brasil.

Nas escolas não se tem espaço para discussão, observação e trabalho com a nossa diversidade linguística. Esse assunto não é muito frequente nos conteúdos desenvolvidos, pois é extremamente difícil, não só para o professor como também para o aluno utilizar a linguagem como método de interação, respeitando as variantes linguísticas, buscando romper com o bloqueio de acesso ao ensino mecânico, descontextualizado da gramática que serve para ditar o certo e o errado. Usar a norma culta, principalmente na escrita, é forma de prestígio, uma forma de mostrar que, por meio da linguagem se é uma pessoa escolarizada e, portanto, assumindo a condição de ter um certo poder sobre as outras pessoas.

Para Preti (2002), só é possível se trabalhar as variações linguísticas se o professor entender a necessidade de se conhecer as regras de conversação, ou seja, as características da língua falada para compreender melhor sua aplicação no ensino; e as formas pelas quais o professor deverá agir para desenvolver a competência do aluno na comunicação oral.

Para ilustração, pegamos uma página em que fica claro o uso na revista de nº 449, de 2005, na qual Chico usa de uma linguagem regional em conversa com sua irmã

estrelinha que falando de acordo com o padrão da norma culta não o corrige, pois respeita a sua forma de dizer.



Trecho da HQ de 'Chico Bento Nº 449' (Ed. Globo, 2005)

(<http://arquivosturmadamonica.blogspot.com/2014/04/esquecidos-7-mariana-irma-do-chico-bento.html>).

Acessado em 05/09/2018

É importante salientar que o ambiente de ensino causa diversos obstáculos para o aprendizado, no tocante às variantes sociais, econômicas e regionais, principalmente as que não fazem parte do cotidiano escolar. É uma missão quase impossível para ao professor driblar essas diferenças e trabalhar o ensino da língua portuguesa sob forma de uma comunicação interativa.

É sabido e notório que, por fatores histórico e políticos, o ensino da língua portuguesa adotou como o bem falar a forma “padrão” e “cultura” para língua e aqueles que não conseguem usar a linguagem considerada correta, são considerados errantes, falantes que não sabem falar o português.

Por essa razão que o professor não deve supervalorizar a língua portuguesa padrão, ele deve mostrar ao aluno que a norma culta/padrão é uma das formas de se usar a língua, mas que não se pode esquecer ou menosprezar as variantes, utilizadas pelas comunidades que atendem ao processo de comunicação. E, assim, combater o preconceito linguístico não supervalorizando o uso da norma padrão, conforme exemplo:



(<https://cafecomsociologia.com/preconceito-linguistico/>). Acessado em 05/09/2018.

De acordo com os PCNs (1997), há um reconhecimento de que, no Brasil, usa-se de diferentes variantes linguísticas, o qual que nos deixa claro que:

(...) frente aos fenômenos da variação, não basta somente uma mudança de atitudes; a escola precisa cuidar para que não se reproduza em seu espaço a discriminação linguística. Deste modo, não pode tratar as variedades linguísticas que mais se afastam dos padrões estabelecidos pela gramática tradicional e das formas diferentes daquelas que se fixam na escrita como se fossem desvios ou incorreções (PCN, 1997:82).

Portanto, não se faz necessário eliminar a gramática tradicional do ensino ministrado nas escolas, porém, algumas coisas devem ser modificadas para que o ensino de língua seja mais significativo e mais lúdico. Uma das coisas a se trabalhar, é mostrar a língua padrão apenas como uma possibilidade de uso, como das variantes linguísticas, que pode e deve ser aplicada em determinadas situações de comunicação. Outra forma é mostrar que essa linguagem padrão não é adequada nas conversações familiares e em situação não formais.

O gibi do *Chico Bento*, de nº 77, de 2005, também nos permite trabalhar com a interdiscursividade (memória) que, para Orlandi,

Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. (ORLANDI, 2010, p.31)

A irmã de Chico Bento era uma estrela que veio a terra passar uns tempos com uma família amorosa, mas suas irmãs estrelas não a deixam ficar por muito tempo na terra e a chamam de volta. Anos mais tarde, essa estrela volta à Terra para conversar com o Chico Bento para matar as saudades e anos mais tarde torna-se sua filha. A exemplo:

Trecho da HQ de 'Chico Bento Nº 449' (Ed. Globo, 2005)



FORMAÇÃO DISCURSIVA E SUA RELAÇÃO COM O JÁ-DITO

Por ilação, a ilustração remete a uma formação discursiva que traz enunciados os quais “vão nos inventando um passado inequívoco e empurrando um futuro pela frente e que nos dão a sensação de estarmos dentro de uma história de um mundo conhecido...” (ORLANDI, 1993, p.12)

Ainda, de acordo com o ponto de vista de Orlandi (1993), no movimento do processo de construção de uma formação discursiva existe, na construção do significado, apagamento de uma memória estabelecida dos sentidos (o já-dito); uma resistência a esse apagamento com a construção de outros sentidos e um retorno do aos sentidos que foram excluídos e que “se produz no percurso que vai do sem- sentido em direção ao sentido”. (ORLANDI, 1993, p.11). Tornando-se, assim, discursos em que há identidade histórica com memória temporalizada e que se apresentam como institucional, legítimo.

O dizer do Gibi nº 449 não só retoma a lenda indígena brasileira da vitória-régia que nos conta:

Vitória-régia (ou mumuru) – a estrela dos lagos Marai era uma jovem e bela índia, que amava muito a natureza e tinha o hábito de contemplar chegada da Lua e das estrelas. Nasceu nela, então, um forte desejo de se tornar uma estrela. Perguntou ao pai como surgiam aqueles pontinhos brilhantes no

céu e, com grande alegria, soube que Jacy, a Lua, ouvia os desejos das moças e, ao se esconder atrás das montanhas, transformava-as em estrelas. Muitos dias se passaram sem que a jovem realizasse seu sonho. Marai resolveu, então, aguardar a chegada da Lua junto aos peixes do lago. Assim que ela apareceu, Marai, encantada com sua imagem refletida na água, foi sendo atraída para dentro do lago, de onde nunca mais voltou. A pedido dos peixes, pássaros e outros animais, Marai não foi levada para o céu. Jacy transformou-a em uma bela planta aquática, que recebeu o nome de vitória-régia (ou mumuru), a estrela dos lagos.

(<http://prodoc.museudoindio.gov.br/noticias/retorno-de-midia/68-mitos-e-lendas-da-cultura-indigena>) Acessado em 20/09/2018

Como retoma também uma lenda da tradição religiosa africana iorubá, a respeito dos *abikus*³, crianças que fazem parte de uma sociedade secreta, que moram no *orun*, no céu, e que gostam de onde estão na companhia de seus amigos. Elas fazem pactos com seus amigos de que se forem reencarnadas, morrerão logo e/ou nascerão mortas para voltar a ficar com seus amigos no *orun*. Uma criança *abiku* é reconhecida por estar sempre correndo alguns perigos na vida, principalmente, até completar sete anos. São crianças que têm um universo interior cheio de fantasias, imaginação, geralmente com “amigos secretos”, elas passam alguns momentos do seu dia em alheamento, buscando um contato com os seus amigos invisíveis. O que vai prender uma criança *abiku* na terra é o amor e a atenção que a família dá para essa criança, além dos trabalhos espirituais que se deve fazer para mantê-la no *aiê*, na terra e inviabilizar o pacto feito no *orun*.

Portanto, como Orlandi nos mostra “todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que se tiram os sentidos.” (ORLANDI, 2010, p.33) Como vimos nos trechos trabalhado do gíbi “o interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos.” (ORLANDI, 2010, p.33)

Para se trabalhar a pontuação, ainda com palavras de Orlandi (2001) que entende a linearidade enunciativa trazendo noções de acréscimo e incompletude, detectando faltas e excessos, o que é dito a mais se dá do interior para o exterior do que se anuncia (expansão); e do exterior para o interior (inserção).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

³ Segundo Fonseca Jr. (1995), do Gêge-yorubá – tradução: “criança nascida para morrer”. Cada um desses *abikus* já trazem consigo a hora e o dia em que vão retornar para companhia dos seus amiguinhos do Orun.

De acordo com o exposto, assim está contida nessa categorização a noção de camadas de enunciação que se harmonizam e se amalgamam para produzir o plano linear na textualização, numa formulação subjetiva, histórica, política, ideológica. Daí, o texto ser vestígio material do interdiscurso. Ademais, ainda com Orlandi (2001), o mecanismo da pontuação fornece elementos para compreender o funcionamento político-ideológico dos discursos nos seus pontos de subjetivação na produção e na interpretação.

Continuando, para melhor esclarecimento sobre posição ideológica na leitura e interpretação, a autora afirma que:

A relação com o simbólico, como tenho proposto, é uma relação com a interpretação. Ela está na base da própria constituição do sentido, já que, diante de qualquer objeto simbólico, o sujeito é instado a interpretar (a dar sentido) determinado pela história, pela natureza do fato simbólico, pela língua. Aí está o princípio mesmo da ideologia: não há sentido sem interpretação, mas este processo de constituição de sentido (sua historicidade) não é transparente para o sujeito. Ao contrário, é através de um processo imaginário que o sentido se produz no sujeito na relação que interliga linguagem/pensamento/mundo. A interpretação, assim como a ideologia, é igualmente necessária. (ORLANDI, 1996, p.133)

Já, para Nunes,

Conhecer essas diferentes formas de saber linguístico na história conduz a se posicionar criticamente diante das produções atuais. Tal posicionamento pode ser considerado, a meu ver, ao menos em três instâncias (Nunes, 2007): a) um posicionamento diante das ciências da linguagem, que procura mostrar o modo como o político e o histórico estão ou não presentes nas teorias e de que modo; b) um posicionamento diante da produção dos instrumentos linguísticos, com a análise e a crítica das obras recentemente publicadas, considerando-se a memória do saber linguístico; nesse sentido, cabe também a proposição de novos procedimentos de fabricação desses instrumentos, bem como o desenvolvimento de projetos compatíveis com esses procedimentos; c) um posicionamento junto à “opinião pública”, com a produção de materiais de divulgação e a realização de fóruns de discussão sobre os conhecimentos linguísticos. (NUNES, 2008, p. 120)

Para finalizar, as práticas escolares vinculadas à análise linguística têm que ter momentos de análise constantes sobre a pontuação, não só do gibi, mas dos diversos gêneros textuais escritos.

Cabe ressaltar que, nos PCN's, com as diretrizes para o ensino fundamental de Língua Portuguesa, ressalta-se que a leitura e a produção de textos, tanto orais quanto escritos, são as práticas discursivas que, combinadas com a reflexão sobre as estruturas da língua, devem ser priorizadas no trabalho com a língua materna.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FONSECA JR., Eduardo. **Dicionário Antológico da Cultura Afro-brasileira** (português – yorubá – nagô – angola – gêge. São Paulo: Maltese, 1995

NUNES, José Horta. Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias linguísticas. In **Revista Língua, sujeito e história** nº 37. RS: Universidade Federal de Santa Maria, 2008. Pág. 107 a 124.

PRETI, Dino. **Oralidade e gíria: como tratá-las no ensino**. (Org. Neusa Barbosa Bastos). Língua Portuguesa – uma visão em mosaico. São Paulo: COMPED / EDUC / IP-PUC/SP, 2002.

Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/ Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997.**

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2010.

_____. (org.) **Discurso fundador (A formação do país e a construção da identidade nacional)**. Campinas, SP: Pontes, 1993.

_____. Ponto final: interdiscurso, incompletude, textualização. In. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

Webgráficas

<http://arquivosturmadaonica.blogspot.com/2014/04/esquecidos-7-mariana-irma-do-chico-bento.html>

<http://prodoc.museudoindio.gov.br/noticias/retorno-de-midia/68-mitos-e-lendas-da-cultura-indigena>)

<https://cafecomsociologia.com/preconceito-linguistico/>